



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à TV Pampa**

**Aeroporto Salgado Filho – Porto Alegre-RS, 05 de fevereiro de 2010**

**Jornalista:** Esta é a Rede Pampa, esta é a TV Pampa que, neste momento, abre cadeia com a Rádio Pampa de Porto Alegre, porque o momento é muito especial. Nós temos a honra e o prazer de receber, diante dos nossos televisores sintonizados na Rede Pampa, dos nossos rádios sintonizados na Rádio Pampa, o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva.

Prazer tê-lo conosco, novamente aqui, no Rio Grande do Sul, Presidente.

**Presidente:** O prazer é meu, Paulo, de estar aqui e poder conversar um pouco com você e conversar um pouco com o povo gaúcho.

**Jornalista:** Bom, obviamente que, pelos seus índices de popularidade e pela aceitação do seu governo, o senhor transcende qualquer outro presidente, e o seu estado de saúde nos preocupou. E essa preocupação transcendeu além-fronteiras, o mundo se preocupou com o Presidente do Brasil. Como é que o senhor está neste momento?

**Presidente:** Eu nunca estive tão bem. A verdade é que aconteceu um daqueles momentos, eu diria, quase que de irresponsabilidade no tratamento da agenda e... eu tive dois dias em que nós tivemos uma agenda, em que a gente começava às 6h da manhã e terminava às 2h da manhã. Na véspera de ir para Pernambuco, nós chegamos de Porto Alegre, em Brasília, às 2h da manhã, eu fui dormir às 3h e levantei às 6h. Quando nós chegamos em Recife, estava um calor muito grande, nós nem tivemos tempo de almoçar, e quando foi 10h da noite, nós fomos para uma reunião, ainda, com o governador



Eduardo Campos. À meia-noite eu estava com um problema no peito, eu estava com cansaço e eu, então, saí da reunião, deixei a Dilma fazendo a reunião com o governador Eduardo Campos e fui fazer um exame com o médico da Aeronáutica. Aí estava normal o coração, não tinha problema nenhum. Quando cheguei ao aeroporto, nós fomos pegar o avião para ir para Davos, e aí eu chamei o médico para medir a pressão, e aí ele detectou 18x10, 18x9, acho que foi uma coisa assim, e ele, então, tomou a decisão de que era melhor a gente não viajar porque era arriscado. Aí eu fui para o médico lá em Pernambuco, fiquei uma noite lá em observação, voltei para casa com mais vontade de trabalhar. Porque eu tenho uma pressão... eu tiro a pressão todo santo dia, minha pressão é 11x10... é 11x7. Quando ela está um pouco assim, ela está 12...

**Jornalista:** Uma pressão de atleta...

**Presidente:** Quando ela está alta, ela está 12x8, às vezes 13x8. Mas, normalmente, é 11x7. Então, eu estou tranquilo, estou bem. Eu preciso apenas saber que o corpo humano exige que você tenha horário para trabalhar, horário para comer, horário para dormir. É apenas respeitar essa lógica da sobrevivência humana que eu vou estar bem.

**Jornalista:** Claro. E nem tem motivos para estar mal, não é? Até porque a sua gestão está aí reconhecida por todos. Agora, é importante que a gente entre no assunto PAC. Até porque o PAC, muito além do crescimento, da aceleração do crescimento, ele é gerador de emprego e renda. Uma coisa que nós passamos a vida inteira reivindicando. Então, ele cria um ciclo construtivo na sociedade, um ciclo virtuoso, na sociedade, impressionante. E a gente não sabe porque 20% da população deixou de ser miserável, outros tantos ingressaram na classe média... É porque nós temos hoje emprego e renda. Então, é do PAC



que eu quero falar Presidente, porque começou com a desconfiança de todos, era um programa eleitoreiro e está aí o PAC., um sucesso para quem quiser ver. E ele tem feito o senhor viajar muito e inaugurar muitas obras.

**Presidente:** Olha Paulo, o PAC, na verdade, ele permitiu que o governo assumisse outra vez a responsabilidade de gerenciar os investimentos de infraestrutura no Brasil. Nós tivemos um período de investimento em infraestrutura no governo Juscelino Kubitschek, depois nós tivemos um outro período no governo Geisel, depois nós tivemos quase que uma paralisia nos investimentos em infraestrutura, ou seja, ficava por conta do potencial do Estado ou ficava às vezes por conta de um dinheiro que sobrava no governo federal, mas não tinha, depois do governo Geisel, um planejamento de infraestrutura.

E nós, então, resolvemos fazer o PAC, que era para a gente assumir compromisso público com o Brasil, assumir compromisso de governo e nós, então, lançamos o PAC, você está lembrado, em janeiro de 2007. No começo, era muita gente... E eu não quis lançar antes das eleições, viu Paulo, porque eu poderia... Ele estava pronto para ser lançado em 2006. Eu não quis lançar, porque alguns companheiros ponderaram que não era importante a gente utilizar o PAC na campanha eleitoral. Então, nós lançamos em janeiro. E nós lançamos e fizemos dezenas de reuniões com governadores, dezenas de reuniões com prefeitos – eu estou falando dezenas, mas na verdade, foram centenas de reuniões para discutir prioridade, para ajudar a elaborar o projeto, ou seja, nós tivemos no começo muita dificuldade, porque as prefeituras não estavam totalmente preparadas, porque os governos dos estados não tinham projeto. Então, foi... Tudo foi preciso quase ser construído [a partir] do zero, e o PAC desencantou.

A Dilma tem prestado contas a cada três meses, quatro meses para a imprensa. Uma demonstração de que a gente não quer segredo, a gente quer



mostrar. Quer mostrar o que está funcionando e o que não está funcionando. E eu, posso te dizer, que graças ao PAC, a gente enfrentou a crise econômica do ano passado com grandeza, porque a gente tinha muito investimento público, a gente tinha muito emprego gerado no setor público, e a gente tinha setores da economia que ficaram 20 anos paralisados e que estavam crescendo.

Só para você ter ideia, dos seiscentos e poucos bilhões que é o PAC, nós já empenhamos 400 milhões, acho que já pagamos duzentos e cinquenta e poucos milhões, nesses três anos. Até 2010, só...

**Jornalista:** Quarenta por cento pago e 60% realizado.

**Presidente:** Pois é. Só para você ter ideia: aqui, no Rio Grande do Sul, até este ano, são 29 bilhões que nós vamos investir aqui no Rio Grande do Sul.

**Jornalista:** Pois é, no Rio Grande, nós passamos a vida inteira discutindo a solução para a BR-116. Interesses aí levavam ao polão, ao anel, que era a denominação que se dava para as soluções. E eis que, de repente, surge a melhor de todas as soluções, que o governo imediatamente bateu o martelo, está investindo na rodovia 448, a Rodovia do Parque, que soluciona todos os problemas que nós temos na região metropolitana de Porto Alegre, de tráfego, desafoga a BR-116.

**Presidente:** Veja, não apenas isso aqui, que vai ajudar muito a grande Porto Alegre, porque vai resolver um problema crônico. Mas, quando nós resolvemos investir no estaleiro da cidade de Rio Grande, era porque nós queríamos desenvolver uma outra parte do Rio Grande do Sul que estava empobrecida.

Quando nós tomamos a decisão de duplicar a 392 é porque a gente queria dinamizar aquela região do Rio Grande do Sul, porque muita gente falava, muita gente falava, mas ninguém fazia nada. Então, nós resolvemos



colocar dinheiro lá, resolvemos fazer plataforma. O dique seco vai permitir construir praticamente oito cascos de plataforma, o que vai gerar emprego e desenvolvimento naquela região. A duplicação da estrada, a BR-101. Você não sabe a alegria e a vontade que eu estou, de vir inaugurar aquele túnel. Aquele túnel é minha obsessão. Você sabe que por conta de uma perereca que tinha lá, nós paramos seis meses aquele túnel, porque diziam que ela estava em extinção, precisou estudar a perereca, estudou a perereca e tal, aí percebeu que não estava em extinção, vamos fazer o túnel. Mas todo mês eu cobro do Ministro dos Transportes: “Eu quero inaugurar aquele túnel, eu quero inaugurar aquele túnel”. Porque eu ia começar a furar ele, os meus seguranças não deixaram. Eu ia subir na máquina, ligar a máquina e começar a furar, não deixaram. Então, agora, eu quero inaugurar.

E essa BR-101 vai ser um bem muito grande para o Rio Grande do Sul e para o Brasil, porque vai pegar os nossos irmãos argentinos, uruguaios. Nós vamos transitar livremente, numa estrada mais segura; os nossos produtos vão transitar com muito mais facilidade.

E uma outra coisa, viu, Paulo, importante: é que nós aprendemos a investir, também, em saneamento básico, ou seja, cuidar das favelas, cuidar dos mais pobres, neste país, que eram esquecidos. E agora, por último, com o Programa Minha Casa, Minha Vida, que é uma coisa, um desafio enorme, muito grande. E eu, outra vez, coloquei na mão da companheira Dilma a responsabilidade de organizar, porque ela já trazia *expertise* adquirida no PAC, e nós estamos tendo um sucesso extraordinário. Só para você ter ideia, nós já temos quase 300 mil casas em construção. Temos, na Caixa Econômica Federal, já aprovadas, 600 e poucas mil casas. Logo, logo nós estaremos chegando a 1 milhão de casas, e aí vamos ter que fazer mais 1 milhão de casas.

O que aconteceu com o programa Minha Casa, Minha Vida? É que, daqui para frente, daqui para frente, qualquer governo que for governar este país não



pode fazer programinha de mais de 200 mil casas, de 100 mil casas, de 300 mil casas. Vai ter que fazer de 1 milhão para mais.

**Jornalista:** É, e nós estamos falando em habitação, que realmente era outra carência, não é? E demonstrando também que emprego e renda resolvem tudo, sem esquecer das questões sociais. E na Educação também, “linkando” com esses assuntos, nós temos projetos importantes aí, né? (incompreensível), creches, a inclusão digital, a banda larga que era uma coisa absolutamente necessária... Quer dizer: o mundo digital, agora passa a estar a serviço de todos, não só de classes privilegiadas.

**Presidente:** Olhe, há uma coisa fantástica que o governo aprendeu a fazer. Quando nós anunciamos a Universidade dos Pampas aqui... ela tem praticamente 16 *campi* avançados. Nós estamos espalhando ela por todo o estado do Rio Grande do Sul, para permitir que as pessoas mais pobres das cidades do interior tenham possibilidade de fazer um curso universitário.

Só o ProUni, aqui no estado do Rio Grande do Sul, tem quase 50 mil alunos do ProUni, fora as escolas técnicas que nós estamos construindo no estado. Por quê? Porque este estado aqui... e a minha preocupação com o Rio Grande do Sul sempre foi a seguinte: eu sempre considerei o Rio Grande do Sul o estado mais desenvolvido do Brasil. Eu venho aqui desde 1975. Aqui os dirigentes sindicais eram mais lutadores, aqui os agricultores eram mais organizados. Então, eu vinha sempre aqui e falava: o Brasil inteiro deveria ser assim. Eu lembro que quando o Delfim Neto, uma vez, disse: “Para a agricultura brasileira dar certo tem que trazer um japonês”, eu falei: é porque o Delfim não conhece os gaúchos. Se levar os gaúchos, vai dar jeito na agricultura.

Agora, nós temos que trabalhar, e é isso o que nós estamos fazendo, para não permitir que o Rio Grande do Sul sofra um retrocesso. Ou seja, nós



queremos que o Rio Grande do Sul continue avançado, continue sendo um estado que ofereça uma belíssima qualidade de vida para o seu povo, e é por isso que nós estamos trabalhando, investindo em todas as áreas. Só para você ter ideia, no transporte rodoviário, nós estamos investindo aqui mais de R\$ 4 bilhões. Eu penso que nunca houve, do governo federal, uma quantidade de investimento dessa magnitude. E veja, nós investimos independentemente de quem seja o partido que esteja governando a cidade ou o estado, ou seja, nós não fazemos essa vinculação. Nós queremos é saber o seguinte: existe um povo e o povo precisa, portanto, o povo tem que ser cuidado com carinho.

**Jornalista:** E nós aqui observamos, no Sul, a questão da segurança pública também, Presidente. Os investimentos foram muito fortes. O Rio Grande do Sul hoje se equipa a partir, obviamente, de convênios com o governo federal. Está aí o Programa Nacional de Segurança Pública e Cidadania. Eu acho fundamental que se fale isso no momento em que se debate tanto a questão de segurança. Quer dizer, também isso nós está esquecido do governo federal.

**Presidente:** Olha, veja, só aqui o companheiro Tarso Genro investiu R\$ 116 milhões, numa parceria com o governo do estado, para que a gente possa ter um sistema de segurança pública de acordo com a vontade do povo gaúcho e que permita segurança. São quatro Territórios da Paz que estão funcionando aqui no Rio Grande do Sul e, certamente, nós vamos continuar contribuindo com os estados, porque uma coisa [com] que nós acabamos, Paulo, é o seguinte: não adianta você ficar discutindo quem é responsável por tal coisa. É o prefeito? É o governo federal? É o governo estadual? E fica um jogando a culpa no outro e o povo paga o pato. Não. Acho que prefeito, governo estadual e governo federal, independentemente de quem seja responsável, precisam assumir a responsabilidade de construir parcerias, trabalharem juntos, porque quem ganha com esse trabalho é o povo. Se fica um de biquinho para o



outro, ou seja, “Ah, é de tal partido eu não vou conversar; ah, é de tal partido eu não quero nem ir lá”, o que acontece? O povo perde. É o povo mais humilde que sofre. Então nós queremos trabalhar em parceria. Eu acho que as pessoas podem ter críticas a mim, mas eu tenho trabalhado de forma republicana. Cada ministro meu sabe que eu não quero que eles perguntem a que partido pertence um prefeito, [para] que time torce o prefeito ou que religião que ele frequenta. Eu não quero saber. Eu quero saber é o seguinte: é prefeito? É governador? Está eleito? Representa o povo? Então, faça parceria com ele e vamos construir as coisas.

**Jornalista:** É, e os prefeitos têm que se abrir também para essas possibilidades. Vê aí o que fez o prefeito Jairo Jorge, aqui de Canoas. Já assinou um convênio, já ofereceu o seu território para um presídio de segurança máxima. Quer dizer, nós precisamos que os prefeitos tenham essa visão, porque também o presídio, além de trazer mais segurança para a região limítrofe, ele, da mesma forma, ele vai gerar emprego e renda para todo (incompreensível).

**Presidente:** Mas é duro, rapaz, é duro. As pessoas... É assim, o ser humano é assim. O cidadão quer uma feira, mas não quer na rua dele. O cidadão quer um ponto de ônibus perto, mas não quer na frente da casa dele. O cidadão quer que faça uma cadeia, mas não quer na cidade dele. Ou seja, então... é trabalhoso, é um trabalho de convencimento porque as pessoas não querem que você leve para lá coisas que não sejam Educação, coisas que não sejam...

**Jornalista:** Bonitas.

**Presidente:** Uma coisa bonita.



**Jornalista:** Uma coisa bonita, né? *Fashion...*

**Presidente:** E o Tarso teve dificuldade de fazer cadeias no Brasil. Nós temos cinco presídios federais. É difícil você escolher, porque quando você vai fazer, e o prefeito concorda, a oposição dele começa a dizer: “por que estão trazendo bandido para cá...” E aí, você não tem lugar para você fazer. Lixão, é a mesma coisa. Você vai fazer um aterro sanitário, todo mundo quer que você recolha o lixão, que seja seletivo, mas ninguém quer que passe na sua cidade.

E tudo isso é um trabalho que a gente está tentando construir, uma harmonia entre o governo federal, governo estadual e prefeito. E te digo de coração, te digo de coração: não creio que, na história do Brasil, já houve algum momento em que houvesse tanta harmonia entre prefeitos, governadores e o governo federal. Nós tratamos disso com muito carinho, porque eu acho que é um jeito de a gente contribuir para o Brasil dar certo.

**Jornalista:** O senhor não é um homem de sorte, Presidente?

**Presidente:** Ah, eu sou, de muita sorte.

**Jornalista:** Mas já dizia um colunista esportivo (incompreensível), que a sorte ajuda os bons. Então, eu acho que está alinhado com a sua administração.

**Presidente:** Me diga uma coisa. Se você fosse casar outra vez, você ia perguntar para a sua mulher: “Você tem sorte”? Se ela falasse: “Não, eu sou uma azarada”? Você ia casar com alguém azarado?

**Jornalista:** Não.

**Presidente:** Não ia. A gente tem que ter sorte na vida.



**Jornalista:** Claro.

**Presidente:** Aí, a sorte ajuda quem cedo madruga, meu filho.

**Jornalista:** E a questão do pré-sal não é questão de sorte. É questão de tecnologia...

**Presidente:** É pesquisa, questão de pesquisa.

**Jornalista:** ... de pesquisa, de avanço.

**Presidente:** Nós, praticamente, aumentamos por cinco os investimentos em pesquisa na Petrobras, para a gente poder descobrir o pré-sal, ou seja, as coisas não acontecem de graça.

**Jornalista:** Claro que não.

**Presidente:** Obviamente que, hoje, as pessoas...

**Jornalista:** Você não vai descobrir pré-sal onde não tem...

**Presidente:** Obviamente que, hoje, as pessoas...

**Jornalista:** ... petróleo.

**Presidente:** ...que queriam privatizar a Petrobras devem estar arrependidas. Mas o dado concreto é que o petróleo e a descoberta do pré-sal é a grande chance que este país tem de conquistar definitivamente a sua independência.



A independência social, a cidadania do nosso povo... Porque com uma parte desse dinheiro, nós queremos resolver o problema da Educação do povo brasileiro. Nós vamos acabar com esse atraso de cinquenta anos a que nós fomos submetidos com relação ao resto do mundo, inclusive com países da América Latina. Essa é uma chance nossa, e é por isso que nós resolvemos mudar o marco regulatório, está lá debatendo no Congresso Nacional.

E eu acho que as coisas vão indo bem. Eu acho que o Brasil está vivendo um momento extraordinário. Você veja, o ano passado foi um ano de crise no mundo inteiro. Nos Estados Unidos houve uma perda de 7 milhões de postos de trabalho; na Europa, 7 milhões de postos de trabalho. E aqui no Brasil, no ano passado, nós criamos um milhão de empregos com carteira assinada.

Então, eu acho que o Brasil aprendeu a se respeitar, a gostar de si mesmo. Nunca o povo brasileiro teve o orgulho que tem de ser brasileiro, como tem hoje. Porque na hora em que o Estado começa a fazer as coisas para as pessoas, as pessoas começam a sentir orgulho. Você não sabe o que eu morro de inveja quando eu vejo, naqueles filmes americanos, mesmo que seja o enlatado mais vagabundo, aparece a bandeira dos Estados Unidos, aparece. Nós precisamos ter orgulho da nossa bandeira, precisamos ter orgulho.

Aqui, no Brasil, nós temos dois estados em que eu vejo o povo cantar o hino: é o Rio Grande do Sul e o estado do Acre, que foi libertado, também, por um gaúcho. Ou seja, a gente precisa aprender a cantar o nosso hino, a saber gostar da nossa bandeira, a ter orgulho de nós mesmos. Houve um tempo em que o brasileiro ficava com vergonha, tudo que era de fora era bom, nós éramos “não sei das quantas”, tal. Levantar a cabeça!

**Jornalista:** Agora, Presidente, vamos olhar o Brasil no contexto das nações. E isso nós devemos muito ao senhor. Eu acho que, guardadas as devidas proporções, uma no futebol, com o Pelé e, a outra, na área da gestão pública, da política, o presidente Lula. Hoje, o senhor é conhecido no mundo inteiro.



E quando o senhor foi eleito, o senhor sabe que foi eleito com uma desconfiança de certa parte da população que achava: “Não, disparou o dólar, agora vai ser... o socialismo vai ser praticado no Brasil”. O senhor soube equilibrar o socialismo com o capitalismo e a (incompreensível), o senhor foi reconhecido em Davos, coisa inimaginável há 8, 10, 15, 20 anos atrás, quando o senhor, lá atrás, era um sindicalista, que o senhor iria receber o título de “Estadista Global”, dado por uma entidade absolutamente capitalista. E isto para nós, do Brasil, é eloquente. Esta posição brasileira, hoje, no concerto das nações, nos traz muito orgulho, Presidente.

**Presidente:** Eu penso, Paulo, que aconteceu uma coisa importante no Brasil. Ou seja, eu, desde... quando eu era sindicalista, a primeira reunião que eu fui fazer com um grupo de empresários, eu notei uma coisa que me marcou: os empresários sentavam numa posição mais alta e a gente numa posição mais baixa. Ou seja, é como se você fosse em um tribunal, que fica o juiz lá em cima e você lá embaixo, mostrando uma diferença de autoridade, é uma liturgia de autoridade. E eu lembro que eu disse: “Olha, vamos sentar em igualdade de condições”.

Quando eu fui a primeira vez a Evian, estavam sentados o Celso Amorim, o Secretário-Geral da ONU, Kofi Annan e eu. Eu tinha chegado, fui na mesa, cumprimentei todo mundo que estava lá e fui sentar. Aí, quando chegou o Bush, todo mundo levantou. Aí eu falei para o Celso: “A gente não vai levantar, a gente não vai levantar, e ele vai vir aqui do mesmo jeito”. Ou seja, ele cumprimentou todo mundo que estava em pé e foi lá na nossa mesa, cumprimentou e sentou lá. Era um gesto pequeno, mas é um gesto que você tem que fazer para mostrar que você não é subalterno. Você não é inferior, você é igual, você é chefe de um Estado igual ao Bush é, igual ao Sarkozy é, igual a Angela Merkel é, igual ao Zapatero é. Você não tem que ser diminuído. E o Brasil aprendeu, ao longo de muito tempo, talvez porque fomos uma nação



colonizada, a achar que os de fora eram melhores do que nós. Eu não quero ser melhor do que ninguém, mas eu quero que me respeitem, porque eu gosto de respeitar todo mundo.

Então, eu acho que essa política do Brasil, essa seriedade com que nós administramos o Brasil, essa disposição nossa de viajar o mundo para diversificar as nossas relações políticas e as nossas relações comerciais, permitiu que nós criássemos uma relação de amizade e de respeito, que eu tenho clareza de que o Brasil nunca teve.

**Jornalista:** Presidente, o senhor estará no Haiti no dia 25, obviamente o Brasil está contribuindo já há muito tempo com o Haiti, e agora vamos trabalhar na reconstrução do Haiti. Eu acho fundamental, isso também coloca o Brasil em uma situação privilegiada no concerto das nações, porque está aliado a problemas muitos sérios como este sofrido pelo Haiti, antes um desastre político, agora um desastre natural.

Agora vem Copa do Mundo, vem os Jogos Olímpicos, a Olimpíada do Rio de Janeiro. Isso também, tem gente que atribui à sorte. Não, é competência. O trabalho que foi feito foi maravilhoso para trazer esses empreendimentos para o Brasil. Então, eu quero lhe parabenizar também por isso, porque o senhor foi a Copenhague para receber essa notícia, quer dizer, o senhor esteve envolvido diretamente nesse processo...

**Presidente:** É, Paulo, é mais do que isso. No dia, na véspera da votação eu estive atendendo 38 delegados. Nos últimos dois anos, antes da votação, não teve uma visita do ministro Celso Amorim que não discutisse as Olimpíadas, não teve uma conversa minha com presidentes de todos os países do mundo - menos com a Espanha, obviamente, que eu não ia pedir para a Espanha, nem para o Obama - que eu não conversasse sobre as Olimpíadas. Mandeí carta para todos os delegados que iam votar, e fui no dia lá para conversar com



aqueles com quem eu ainda não tinha conversado. Fizemos uma reunião em Caracas com todos os presidentes da América do Sul e da África. No meu discurso, eu comecei pedindo voto para o Brasil. Fui em Doha participar da reunião Países Árabes-América do Sul, fui lá para pedir voto para o Brasil. Fui na reunião que houve na Nigéria, pedir voto para o Brasil. Ou seja, foi um trabalho imenso do Governador do Rio, do Prefeito do Rio, do Nuzman, do Ministro do Esporte, do Celso Amorim. Pela primeira vez, o governo se engajou, ou seja, pela primeira vez o governo acreditou que era possível fazer isso. Eu te digo, de coração: quem viveu, viu; quem não viu, não vai ver o que foi a emoção daquela conquista, é um negócio, é um negócio de...

**Jornalista:** Nós...

**Presidente:** Eu não gosto nem de falar porque....

**Jornalista:** ...nós assistimos pela televisão, mas foi...

**Presidente:** ...porque foi uma coisa, uma coisa. E, assim, o Brasil vai ganhando as coisas porque trabalha. As coisas só acontecem quando você é uma pessoa perseverante. Você tem que trabalhar, não adianta você ficar na cadeira, reclamando, não adianta ficar na cadeira. Então, eu acho que, eu acho que o Brasil, o Brasil, Paulo, essa é uma coisa sagrada para mim. Acho que o Brasil voltou a acreditar no Brasil. Nós voltamos a gostar de nós mesmos, e nós... aquela frase que o Obama dizia “sim, nós podemos”, isso vale para o Brasil. Nós podemos! Qual o país do mundo que tem as condições de desenvolvimento que tem o Brasil? Que tem o poder agrícola que tem o Brasil, que tem as riquezas minerais que tem o Brasil, que tem a extensão territorial, que tem sol 365 dias? A gente não tem terremoto, não tem maremoto, não tem



vulcão, não tem nada! Isso é uma benção de Deus. Então, vamos nós trabalhar bem essa coisa que Deus nos deu.

**Jornalista:** E para encerrar, Presidente. Sucessão, nós temos duas aqui que nos afetam diretamente, que é a presidencial, e a sucessão do Rio Grande do Sul. O senhor deve estar muito satisfeito também porque a ministra Dilma já encosta no Serra, nas pesquisas. Naturalmente, ela começou mais embaixo e agora cresce, não é? Eu acho que esse momento é muito importante para o senhor, que apostou na ministra Dilma como a sua sucessora na Presidência da República.

**Presidente:** Olhe, eu vou lhe dizer uma coisa: eu acho que na minha sucessão eu tenho a obrigação moral e política, e tenho a obrigação ética de dizer para o povo quem é que eu acho que pode fazer mais e melhor, dando continuidade a um processo de governo que começou em 2002. Obviamente que é a Dilma... Eu quero conversar com o povo brasileiro friamente, para mostrar que quando ela for indicada candidata, quando tiver as convenções... eu respeito os outros todos, respeito, mas eu acho que quem está mais preparada para tocar este país e não deixar a peteca cair é a mulher que está coordenando praticamente todos esses programas que nós estamos fazendo. Por isso que eu pedi ao Partido que levasse em conta o nome da Dilma. E aqui no Rio Grande do Sul, eu acho que teve um momento que o PT despertou uma, eu diria, uma certa raiva contra o PT aqui, ou seja, todo mundo se juntava contra o PT. O Tarso Genro tem a obrigação de tentar quebrar essas barreiras que foram criadas, nós temos que tentar construir aliança política, e eu acho que o PT está infinitamente mais maduro para governar este estado, como já governou. As pessoas podem não querer gostar do Olívio Dutra, mas o Olívio Dutra foi um homem íntegro que governou este estado, foi um homem de bem, e que não fez mais porque não tinha um presidente da República que olhasse para os



estados como eu olho. Se o Olívio Dutra fosse governador, e eu presidente da República, ele teria feito muito mais, porque teria vindo dinheiro do governo federal. Pergunte para qualquer governador, pergunte para o José Serra, pergunte para o Eduardo Braga, do Amazonas. Escolha... O Jarbas Vasconcelos, que é minha oposição no Senado e foi governador os quatro anos, se em algum momento faltou dinheiro para eles. Então, eu acho que se o Tarso for eleito governador do Rio Grande do Sul – tem todo o potencial de ser – e o governo federal continuar com essa prática de trabalhar junto com os estados... Eu tenho dito o seguinte: em dez anos, em dez anos... nós precisamos de mais dez anos para mudar definitivamente a cara deste país. E aí, eu penso que o Brasil será a quinta potência mundial, a quarta... O Brasil, daqui a vinte anos nós vamos ouvir falar muito deste país. Eu espero estar vivo para ver tudo isso acontecer.

**Jornalista:** E vai estar. Quero agradecer, Presidente, a sua estada aqui na TV Pampa. Acho que foi muito importante o seu pronunciamento aqui. O senhor inaugurou duas obras importantes, o Ceitec, na área tecnológica, fantástica, e também um conjunto habitacional no bairro Feitoria, em São Leopoldo. E dizer que o Rio Grande do Sul tem grande apreço pelo senhor. Parafraseando o Barack Obama, sem desrespeito nenhum, o senhor é “o cara”.

**Presidente:** Deixe-me dizer uma coisa para você, aproveitando aí. É o seguinte: vou te presentear com isso aqui, nas horas vagas, você dê uma olhada. Isso aqui é o conjunto das obras do PAC no Brasil inteiro. Então, isso aqui é importante você, como jornalista... Nas horas vagas dê uma estudada aí, na hora em que tiver dúvida, dê uma lida aí...

**Jornalista:** Eu vou fazê-lo hoje.



**Presidente:** ...e depois pode ligar para a Dilma para cobrar, se é verdade que estão acontecendo essas coisas.

**Jornalista:** Maravilha.

**Presidente:** Obrigado a você.

**Jornalista:** Presidente, grande abraço, felicidades aí, e um bom retorno a Brasília. E volte a jogar aquele futebolzinho, faz falta, é o pára-raios de todos nós.

**Presidente:** Eu pensei em voltar a jogar. Mas como está em uma época de convocação para a Seleção, e o Corinthians está contratando umas pessoas de certa idade, eu fiquei com medo de ser contratado. Então,... (incompreensível).

**Jornalista:** Que maravilha. Muito obrigado.

**Presidente:** Um abraço.

**Jornalista:** Este é o presidente Lula e esta foi a cadeia da TV Pampa, falando para todo o Rio Grande do Sul, nas nossas 91 retransmissoras, nossos cinco canais geradores de televisão, e a rádio Pampa, com seus 50 KW, no prefixo 970. Muito obrigado pela sua atenção. Muito obrigado ao presidente Lula, e volte sempre. O senhor é muito querido entre nós, por aqui. Boa noite.

(\$31DHJLP)